

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Odivan Oliveira da Silva

**FESTA AFRICANA E DIVERSIDADE CULTURAL EM JUIZ DE FORA: ENCONTROS,  
SABORES E RESISTÊNCIAS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO

Juiz de Fora  
2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Odivan Oliveira da Silva, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272048A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado FESTA AFRICANA E DIVERSIDADE CULTURAL EM JUIZ DE FORA: ENCONTROS, SABORES E RESISTÊNCIAS, desenvolvido durante o período de 07/04/2025 a 15/08/2025 sob a orientação de ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 15 agosto de 2025.

**ODIVAN OLIVEIRA DA SILVA**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço profundamente à minha família, que acreditou em meus estudos mesmo quando eu ainda duvidava de mim. Em meio às dificuldades, não mediram esforços para me apoiar, inclusive nos momentos em que precisei de recursos financeiros para custear as passagens de ônibus no ensino médio. Obrigado, mãe; obrigado, tia Dinha, pelo carinho e incentivo constantes.

Minha gratidão estende-se também a todos os profissionais da educação que acompanharam minha trajetória acadêmica. Em especial, agradeço à professora Cristina Xavier, de Sociologia no ensino médio, que despertou em mim o interesse pelas Ciências Sociais, e à professora Elizabeth Pissolato, minha orientadora, que me guiou neste projeto e me fez descobrir o olhar da Antropologia.

Por fim, agradeço aos amigos e amigas da comunidade africana em Juiz de Fora, que me acolheram com tanto afeto e contribuíram de forma generosa para a construção deste trabalho. De modo especial, registro minha gratidão ao “big bro” Hamilton Machel, cuja amizade e apoio foram fundamentais ao longo deste percurso. Sem a confiança, a partilha e o companheirismo de cada um, esta caminhada não teria sido possível.

# FESTA AFRICANA E DIVERSIDADE CULTURAL EM JUIZ DE FORA: ENCONTROS, SABORES E RESISTÊNCIAS

Odivan Oliveira da Silva

## Resumo

Este trabalho apresenta relatos e experiências vivenciadas durante a Festa Africana, que faz parte da Semana Africana realizada em Juiz de Fora (MG), cujo tema, em 2025, foi “Conhecimento e Cultura Africana: das dinâmicas que formam as diversas identidades no continente”. A pesquisa busca compreender o processo de organização do evento e refletir sobre a importância da celebração do Dia da África para a comunidade africana residente no município e suas contribuições socio-culturais. A metodologia adotada é a observação participante, abordagem qualitativa que permite ao pesquisador inserir-se no contexto estudado e registrar impressões a partir de uma relação “de perto e de dentro” do contexto que observa. Também foram realizadas entrevistas com organizadores, possibilitando acessar a perspectiva dos principais protagonistas da celebração. O texto visa investigar, por meio da observação participante e das entrevistas com estudantes africanos, os significados atribuídos à Festa Africana, seus processos de organização e o que ela representa tanto para os imigrantes quanto para a cidade que os acolhe.

**Palavras-chaves:** Festa Africana. Juiz de Fora. Diversidade cultural. Resistência.

## Introdução

Desde a infância, sempre fui uma pessoa curiosa e questionadora. Aquilo que fugia do comum despertava minha atenção e alimentava minha vontade de compreender melhor o mundo ao meu redor. Na adolescência, participei ativamente de grupos e páginas dedicadas ao Hip Hop no Facebook — foi nesse contexto que conheci Hamilton Jonny, um jovem rapper de Angola, país africano de língua portuguesa. Essa amizade virtual despertou em mim um profundo interesse pelo continente africano: suas culturas, seus sotaques, suas histórias e até mesmo as diferenças de fuso horário entre o Brasil e Angola. Essa experiência, ainda que à distância, ampliou minha visão de mundo e foi decisiva para a escolha do curso de Ciências Sociais — uma área dedicada a compreender a diversidade humana, as relações sociais e os fenômenos culturais e políticos que estruturam as sociedades.

Em 2022, ao me mudar para Juiz de Fora para ingressar no curso de Ciências Humanas/Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tive como colega de quarto *Augusto*,<sup>1</sup> um ex-aluno da UFJF, formado em Economia, homem de meia-idade, natural da Guiné-Bissau — outro país africano de língua portuguesa. A convivência próxima com esse imigrante naturalizado brasileiro foi uma experiência rica em trocas culturais e afetivas, aprofundando ainda mais meu interesse pelo continente africano e por sua presença no contexto brasileiro.

A universidade, por sua vez, ampliou significativamente minhas possibilidades de contato com diferentes culturas e realidades. O convívio diário com estudantes estrangeiros, especialmente africanos, foi marcado por trocas enriquecedoras durante as refeições no restaurante universitário e nas conversas sobre geopolítica, futebol, cotidiano e experiências pessoais em Juiz de Fora. Com o tempo, fui gradualmente acolhido por esses estudantes, e essa convivência tornou-se parte essencial da minha formação pessoal, política e acadêmica.

Foi nesse contexto que tomei conhecimento da realização da Festa Africana em Juiz de Fora — uma celebração da cultura africana que promove o encontro entre diferentes tradições, saberes e manifestações artísticas do continente. O evento integra a Semana Africana e, em 2025, teve como tema Conhecimento e Cultura Africana: das dinâmicas que formam as diversas identidades no continente. Essa proposta despertou meu interesse em compreender mais profundamente o papel da celebração para os estudantes africanos na cidade.

---

<sup>1</sup> Augusto: Nome fictício

Utilizarei nomes fictícios para interlocutores e interlocutoras referidos ao longo do texto, exceto no caso de ocupantes de cargos e posições de conhecimento público.

Assim, este trabalho apresenta inicialmente o movimento pan-africanista e a celebração do Dia da África no Brasil e no mundo. Em seguida, traz um breve histórico da presença de estudantes africanos em Juiz de Fora, abordando a criação da Associação Africana e incorporando entrevistas e relatos de seus organizadores. Posteriormente, este trabalho descreve etnograficamente a Festa Africana, ressaltando os sentidos e as potencialidades que o evento parece elaborar na e para a cidade.

O estudo parte de um envolvimento pessoal e de uma trajetória de convivência com a comunidade africana em Juiz de Fora, propondo investigar, por meio da observação participante e de entrevistas com estudantes africanos da UFJF, os significados atribuídos à Festa Africana, seus processos de organização e o que ela representa tanto para os imigrantes quanto para a cidade que os acolhe

## 1. Pan-africanismo

O pan-africanismo é um movimento político e cultural surgido no início do século XIX, idealizado por intelectuais negros norte-americanos, cujo objetivo era refletir sobre os caminhos que os negros da diáspora deveriam seguir. A diáspora africana refere-se ao longo processo histórico em que povos de ascendência africana, oriundos de diversas nações e regiões do continente, foram dispersos pelo mundo em decorrência da escravidão, da colonização e de migrações forçadas.

Entre os primeiros pensadores pan-africanistas destacam-se Martin Delany e Alexander Crummell, ambos afro-americanos, e Edward Blyden, oriundo das Índias Ocidentais. Esses intelectuais identificavam pontos em comum entre os negros das Américas e os africanos. Acreditavam que os negros não poderiam prosperar nas sociedades dominadas pelos brancos e, por isso, defendiam que os afro-americanos deveriam se separar dos Estados Unidos e fundar a Libéria — uma nação autônoma no continente africano, governada por negros da diáspora (BARBOSA, 2012).

O desenvolvimento das ideias pan-africanistas ganhou maior visibilidade com o sociólogo e historiador W. E. B. Du Bois, o primeiro negro a obter o título de PhD nos Estados Unidos. Du Bois dedicou-se ao estudo da condição da população negra na sociedade norte-americana, produzindo trabalhos acadêmicos relevantes sobre o direito ao voto, a marginalização social, a criminalidade entre negros na Filadélfia e a luta por direitos civis (BARBOSA, 2012).

Outra figura central do movimento foi o jamaicano Marcus Garvey, jornalista e ativista político que defendia a emancipação econômica da população negra diante das precárias condições de trabalho enfrentadas à época. Garvey fundou a Associação Universal para o Progresso Negro (Universal Negro Improvement Association – UNIA), organização que visava promover a ascensão social do povo negro, ampliar a consciência africana e negra, conquistar a independência econômica e política dos povos africanos e organizar expedições marítimas para enviar negros da diáspora de volta à África, especialmente para a Libéria. Garvey também criou o jornal Mundo Negro, que publicava textos sobre arte, cultura e poesia, sendo amplamente difundido entre populações negras em todo o mundo. Sua influência foi tão significativa que a publicação chegou a ser proibida nas colônias francesas, italianas, portuguesas e belgas da África, cuja posse era considerada crime, pois as autoridades coloniais viam o jornal como uma ameaça à ordem e ao controle político sobre as populações negras (MAESTRI, 2024).

Essas ideias exerceram forte influência sobre líderes políticos africanos, como Kwame Nkrumah, de Gana, que defendia que o domínio ocidental sobre o continente só poderia ser superado por meio da união política e econômica dos povos africanos. Nkrumah liderou o movimento de independência de Gana, tornando-o, em 1957, um dos primeiros países africanos a conquistar a soberania — um marco que inspirou diversas outras nações do continente a lutarem por sua independência (OLIVEIRA, 2021).

Assim, o pan-africanismo desempenhou um papel decisivo no processo de emancipação das nações africanas, inspirando a criação da Organização da Unidade Africana (OUA) em 1963, sucedida pela União Africana (UA) em 2002. A data de fundação da OUA, 25 de maio, seria posteriormente reconhecida como o Dia da África, consolidando-se como um marco simbólico de união e resistência do continente.

### 1.2 Contexto histórico e significado do Dia da África

Depois de muitas refeições e conversas no restaurante universitário ao lado de amigos estrangeiros, fui convidado a participar da Festa Africana em Juiz de Fora — evento realizado anualmente, por volta de 25 de maio, em comemoração ao Dia da África. Essa data é especialmente significativa para a comunidade africana, pois marca a criação da Organização da Unidade Africana (OUA), em 1963, sucedida pela União Africana (UA)

em 2002. Sua fundação foi fortemente influenciada por ideias pan-africanistas, reunindo, em Adis Abeba, na Etiópia, líderes políticos de mais de 30 países do continente para discutir estratégias de enfrentamento à colonização europeia na África.

A OUA tinha como objetivos promover a unidade africana, impulsionar o desenvolvimento econômico e social e apoiar os processos de independência das nações africanas. Por essa razão, em 1972, o dia 25 de maio foi oficialmente reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Dia da África, em homenagem à resistência dos povos africanos contra o imperialismo. Atualmente, a data é celebrada em diversos países do continente e por comunidades africanas na diáspora, sendo feriado nacional em nações como Gana, Mali, Namíbia, Zâmbia e Zimbábue.

Em entrevista, Raul Ie, (*Figura 1*) presidente da Associação de Africanos de Juiz de Fora (Aafros-JF), relembra sua infância no ensino fundamental, em Guiné-Bissau, quando cursava a disciplina de Educação Social. Segundo ele, essa matéria abordava temas como a União Africana, o pan-africanismo e o Dia da África, incentivando os estudantes a celebrar a data nas escolas. Raul destaca que o movimento pan-africanista surgiu em grande parte no contexto estudantil e se tornou um símbolo de luta e resistência pela independência. Ele recorda que, sempre nessa data, sua esposa vestia roupas tradicionais africanas em homenagem à memória dos pan-africanistas que lutaram pela libertação.

Para ele, o sentido da celebração em Juiz de Fora, realizada em 25 de maio, vai além da lembrança histórica: é também um ato de enfrentamento ao colonialismo epistêmico que ainda persiste no continente, reafirmando a importância de valorizar e manter vivas as narrativas africanas.

*Figura 1 - Raul Ie presidente da Aafros-JF*



*Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF*

## **2. Presença Africana em Juiz de Fora**

Segundo Laier (2014), “a migração estudantil africana para o Brasil não é um fenômeno novo. Desde a década de 1960, estudantes oriundos de países como Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe cruzam o Atlântico em busca de formação no ensino superior. E, a partir da década de 1990, esse movimento intensificou-se” (LAIER, 2014, p. 10).

Em diálogo com esse contexto, Raul Ie, presidente da Aafros-JF, relata que os primeiros registros de comemorações do Dia da África em Juiz de Fora remontam à década de 1970. No entanto, segundo ele, essas celebrações eram bem diferentes das atuais: na época, limitavam-se a pequenas reuniões entre estudantes africanos e ex-alunos, geralmente marcadas por um simples churrasco coletivo e festas organizadas pelos próprios participantes. Com o passar do tempo, esses encontros foram ganhando força e visibilidade. Hoje, a celebração organizada pela Associação de Africanos de Juiz de Fora transformou-se em uma semana acadêmica, realizada em parceria com a UFJF e a Prefeitura Municipal, oferecendo uma programação diversificada que inclui oficinas, debates, rodas de conversa, desfiles e, claro, a tradicional festa.

Dessa forma, a Festa Africana em Juiz de Fora é uma das expressões da celebração do Dia da África no Brasil. A iniciativa é promovida pela Associação dos Africanos de Juiz de Fora (Aafros-JF), com apoio da

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e da Prefeitura Municipal, integrando a programação da Semana Africana, que reúne mesas redondas, debates, workshops e apresentações culturais.

Em 2024, o evento passou a fazer parte oficialmente do calendário municipal, graças a um projeto de lei apresentado pela vereadora Laiz Perrut (PT), reforçando seu papel como espaço de valorização e visibilidade das manifestações culturais africanas no município.

Já em 2025, a UFJF ampliou seu apoio à iniciativa, cedendo o Auditório das Pró-Reitorias para a realização da palestra “A luta da África pela ‘independência’ e contra a exploração no contexto contemporâneo: uma análise panafricanista”, ministrada pela Profa. Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz (Figura 2) — professora titular de História da África na UFJF e, atualmente, cedida ao governo federal, onde atua como diretora de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro (DPA/FCP) na Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura. )

*Figura 2 - Palestra: A luta da África pela independência*



*Dra. Fernanda Tommaz, palestrante na Semana Africana  
Fonte: Acervo pessoal*

Em entrevista ao site da UFJF, durante a divulgação da Semana Africana, o estudante Sérgio Aseko Edú Medji, do curso de Arquitetura e Urbanismo e integrante da comissão organizadora do evento, compartilhou sua perspectiva, enquanto africano, sobre a importância da celebração para o município de Juiz de Fora. Como destaca Sérgio, estudante da UFJF:

“Num mundo onde a África ainda é, muitas vezes, retratada de forma única, reduzida ou estigmatizada, esse evento propõe um caminho inverso: valoriza a complexidade, a diversidade e a riqueza de seus povos, línguas, tradições e histórias” (...). Ainda segundo Medji, “o evento dá visibilidade à produção intelectual e artística africana, cria pontes entre África e diáspora, e fortalece o papel de Juiz de Fora como um território aberto à diversidade e à transformação social por meio da cultura e da educação” (MEDJI apud UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2025).

O depoimento de Sérgio Aseko Edú Medji ressalta a relevância da Festa Africana como um espaço de construção de conhecimento e valorização da diversidade cultural. Juiz de Fora, por sua trajetória de acolhimento a africanos de diferentes países ao longo das décadas, se mostra como território fértil para esse tipo de iniciativa. Mais do que uma celebração, o evento fortalece o diálogo entre o Brasil e o continente africano, promovendo reflexões sobre identidade, história, questões raciais, a presença da mulher negra e a importância de uma educação antirracista e descolonizadora. Nesse sentido, a festa cumpre um papel social, cultural e político fundamental para a cidade.

### 3. Criação da Aafros-JF

A Associação dos Africanos de Juiz de Fora (Aafros-JF) (*Figura 3*) foi fundada em 2024 por estudantes de graduação (*Figura 4*) e pós-graduação da UFJF oriundos de diversos países africanos — como Angola, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau, Benim, Cabo Verde, Burundi e Senegal — além de um representante brasileiro. Seu objetivo central é organizar e desenvolver projetos culturais, acadêmicos e antirracistas no município de Juiz de Fora.

O atual presidente da Aafros-JF, Raul Ie, doutorando em Ciências Sociais pela UFJF, explica que a criação da entidade teve como propósito facilitar a captação de recursos públicos para a realização de eventos como a Semana Africana, já que o grupo não dispõe de recursos próprios para custear passagens, hospedagem de palestrantes ou manter um espaço fixo para reuniões. Atualmente, os encontros ocorrem de forma improvisada no antigo restaurante desativado da Praça Cívica da universidade, sempre aos sábados. Antes disso, as reuniões aconteciam no bar do ex-aluno cabo-verdiano Jailson (conhecido como Jajá), falecido em 2025. Raul relata que, atualmente, as despesas eventuais da associação — incluindo custos operacionais como registro em cartório e emissão de passagens para palestrantes — são arcadas pelos próprios organizadores, sem qualquer apoio financeiro da UFJF ou do poder público.

A comissão da Aafros-JF é formada por 14 membros, entre estudantes e ex-estudantes africanos da universidade, além da participação do estudante brasileiro *Rubem*,<sup>2</sup> do curso de Ciências Sociais, que integra a comissão científica da semana africana — setor responsável por planejar, estruturar e viabilizar as palestras e seminários da Semana Africana.

Segundo Raul, uma das principais dificuldades enfrentadas pela Aafros-JF em 2024 foi conseguir espaços dentro da UFJF para a realização das reuniões, bem como para sediar as palestras e oficinas de dança — como Afrohouse e Kizomba — que integram a programação da Semana Africana.

Diante desse cenário, o grupo buscou apoio junto à Prefeitura Municipal e encontrou acolhimento por meio da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA), especialmente graças à articulação de Giane Sales, diretora da fundação e secretária da Igualdade Racial de Juiz de Fora. Giane desempenhou papel fundamental na viabilização dos espaços necessários para a Semana Africana, além de participar da mesa-redonda A mulher negra no pan-africanismo e na diáspora: resistência, identidade e luta pela igualdade. Por sua mediação, foi possível garantir o uso do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM) para as palestras e oficinas, e da sede da Associação Portuguesa de Juiz de Fora para a realização da Festa Africana — evento de encerramento da semana.

*Figura 3 - Integrantes da Aafros-JF*



Fonte: site (UFJF)

*Figura 4 - Estudantes africanos de graduação da UFJF*



Fonte: site (UFJF)

### 4. As primeiras festas pós pandemia

Raul relata que seu primeiro contato com um evento africano no Brasil ocorreu em 2023, quando a UFJF promoveu a celebração “A África não é um país!”. A iniciativa contou com a participação de alunos do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) e do Grupo de Cooperação Internacional de Universidades Brasileiras (GCUB), em

<sup>2</sup> Rubem: Nome fictício

parceria com a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) e a Pró-Reitoria de Cultura (Procult). O objetivo era comemorar o Dia da África, celebrado em 25 de maio.

Segundo Raul, a programação incluiu seminário, exposição de imagens e textos, apresentações de roupas tradicionais, degustação de comidas típicas e uma mostra sobre culturas do continente, voltada à comunidade acadêmica. A celebração ocorreu no Anfiteatro Central da universidade, no próprio dia 25 de maio. Realizado no contexto pós-pandemia, o evento buscou conscientizar sobre a diversidade do continente africano — que abriga 54 países com características próprias —, além de destacar sua riqueza cultural e artística e reafirmar a presença africana na universidade.

Ele acrescenta que, após essa celebração institucional, os estudantes africanos também organizaram uma confraternização particular em um clube da cidade, custeada por meio de contribuições individuais para o aluguel do espaço e a alimentação. Nesse período, eu ainda não mantinha vínculo direto com o grupo de africanos e, portanto, não participei dessa edição de 2023. Meu envolvimento com a Festa Africana teve início em 2024, quando participei pela primeira vez como visitante. Em 2025, retornei ao evento a convite de Raul e de outros colegas africanos, o que fortaleceu minha aproximação com o grupo e aprofundou meu interesse pela temática.

Raul informa que, a partir de 2024, a organização do evento passou a ser coordenada oficialmente pela Associação de Africanos de Juiz de Fora (Aafros-JF), com planejamento ampliado e a eleição de representantes para compor a comissão organizadora. Ele relata que, inicialmente, hesitou em aceitar o convite para presidir a organização, devido a questões religiosas — sendo cristão, não consome bebidas alcoólicas e tem reservas pessoais quanto a festividades —, mas acabou aceitando o cargo após diálogo com outros membros da comunidade africana. Assim, assumiu a responsabilidade de coordenar a comissão acadêmica, sendo o principal responsável pela seleção e convite dos palestrantes que integraram a programação da Semana Africana. Segundo ele, a Semana Africana está vinculada à Pró-Reitoria de Extensão da UFJF e conta como atividade de extensão da universidade, possibilitando que a participação de alunos da UFJF seja contabilizada como horas complementares.

Dessa forma, visando compreender de forma mais aprofundada a organização da Festa Africana em Juiz de Fora e os significados que ela assume para a comunidade africana residente na cidade, foi realizada uma entrevista com Raul — doutorando em Ciências Sociais pela UFJF, presidente da Aafros-JF e membro da comissão organizadora — em 8 de julho de 2025.

Raul destaca as contribuições e os impactos culturais e sociais que o evento traz para a cidade de Juiz de Fora, ressaltando que há muito a aprender com as tradições e os saberes africanos. Compreender o continente africano, segundo ele, é também um convite a conhecer melhor o Brasil e a reconhecer nossa própria ancestralidade. Nas palavras de Raul: “O panafricanismo não é somente para africanos; é também para afrodescendentes brasileiros, colombianos, haitianos, americanos, caribenhos. O encontro não é só dos africanos.”

A Semana Africana, nesse sentido, proporciona um aprendizado amplo e acessível a diferentes públicos: desde crianças que visitam o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas (CCBM) acompanhadas por suas escolas, participando de exposições de arte, oficinas de dança e música, até a comunidade acadêmica e visitantes em geral, que são convidados a integrar mesas-redondas, debates e palestras.

Entre os temas abordados, destacam-se: “A mulher negra no pan-africanismo”, “A luta da África pela independência e contra a exploração no contexto contemporâneo” e “O impacto socio-histórico e cultural da diáspora africana na formação da identidade africana fora do continente”. Dessa forma, o evento, além de oferecer cultura e entretenimento à cidade, promove uma verdadeira imersão no continente africano e desperta o reconhecimento de nossa ancestralidade enquanto brasileiros miscigenados.

A Semana Africana reforça que ser brasileiro não significa estar distante da África ou dos africanos; ao contrário, revela que compartilhamos inúmeras semelhanças e profundos vínculos históricos, culturais e sociais. O evento também contribui para a conscientização e ajuda a quebrar estereótipos negativos sobre o continente, que muitas vezes é reduzido, por publicidades e filmes ocidentais, a imagens de desertos, selvas ou savanas.

Assim, o Brasil não está à parte da África: segundo a perspectiva pan-africanista, somos a chamada “sexta região” do continente, em reconhecimento ao fato de que a história e a identidade africanas na diáspora ultrapassam fronteiras geográficas, e que nossos laços históricos, sociais e políticos nos tornam, em essência, parte da África (Câmara dos Deputados, 2013). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/noticias/documento-final-do-encontro-de-africa-e-a-diaspora>.

## 5. Preparativos e a chegada na festa

Durante uma conversa com Augusto, estrangeiro da Guiné-Bissau, e meu colega de moradia, mencionei a realização da Festa Africana. Ele me perguntou com que vestimenta eu pretendia participar do evento, e eu respondi que iria com as minhas roupas habituais. Em seguida, perguntou se gostaria de vestir uma roupa africana emprestada. Inicialmente, considerei recusar, pois associei as roupas africanas a cores intensas e estampas marcantes, e eu por ser brasileiro, e por ter um tom de pele claro, imaginei que talvez não combinassem comigo. Mas, antes de recusar, disse a ele que iria ver quais opções disponíveis. Ao entrar em seu quarto, deparei-me com uma variedade de trajes africanos, e Augusto me convidou a escolher qualquer um deles. Após experimentar algumas peças, selecionei uma camisa de manga longa com estampa geométrica em padrões triangulares, nas cores verde escuro, amarelo mostarda e branco. O estilo da estampa remete a tecidos tradicionais como o kente - tecido tradicional ganhês feito de tiras de seda e algodão tecidas à mão, Augusto me disse que a camisa havia sido produzida artesanalmente em seu país e que nunca havia sido usada, mas que eu poderia usá-la para a ocasião.

Enquanto eu ainda avaliava minha escolha, ele me surpreendeu e me presenteou com outra blusa que ele trouxe do seu país. (*Figura 5*) Eu não esperava por isso e fiquei sem reação ao receber o presente. Ele me disse que éramos família e que tinha consideração por mim. Confesso que fiquei em choque com aquele gesto e agradei tanto pela roupa emprestada quanto pelo presente e pelas palavras de afirmação. Senti-me acolhido e estimado pelos africanos, mas especialmente por Augusto. Que, mesmo decidido a não participar da festa, reconheceu meu interesse e engajamento e incentivou minha participação ao me presentear. Senti-me validado e aceito pelos africanos através dele.

Augusto chegou ao Brasil em 2006 para cursar Ciências Econômicas na UFJF, onde se formou e decidiu permanecer, obtendo a dupla nacionalidade. Ao longo dos anos, participou e organizou diversas Festas Africanas, tendo se afastado da organização das festividades de 2024 até o momento.

Compareci ao evento acompanhado Charles,<sup>3</sup> um estrangeiro que também reside comigo na mesma república — local onde estudantes da universidade moram. Imigrante da Guiné-Bissau, Charles chegou a Juiz de Fora em 2023, trazendo o sonho de trabalhar e estudar no Brasil. Embora não seja aluno da UFJF, vive com outros estudantes da universidade e trabalha durante o dia em um supermercado, enquanto à noite cursa um técnico em Segurança do Trabalho.

Nossa convivência é diária e extremamente enriquecedora: tomamos café, almoçamos e jantamos juntos. Como estudante de Ciências Humanas, fico fascinado com os relatos, as diferenças e as similaridades culturais entre Brasil e Guiné-Bissau. Charles tornou-se um grande amigo. Temos a mesma idade — 24 anos —, o que nos proporciona muitos assuntos em comum, especialmente o futebol. Quando chegou ao Brasil, em 2023, o Fluminense havia sido campeão da Copa Libertadores da América e era o time sensação do momento. Com o tempo, ele trocou de torcida e passou a apoiar o Corinthians, mas eu sempre brinco: “E o seu Fluzão?”. Ele responde: “Agora sou Corinthians”, e rimos antes de comentar os resultados dos jogos da semana.

Além do futebol, compartilhamos receitas, informações e histórias. Ele costuma me perguntar como preparar pratos brasileiros, como estrogonofe, feijoada e macarrão alho e óleo. Eu lhe dou dicas culinárias sobre o uso de temperos — páprica, orégano, temperos prontos — e sobre como incrementar a lasanha de frango congelada com cebola, prato que costumo preparar aos domingos, quando o restaurante universitário não funciona. Por outro lado, gosto de perguntar a ele sobre questões políticas e sociais, como o crescimento do islamismo em seu país, a presença das religiões tradicionais e dos saberes ancestrais, as guerras civis, o movimento de independência da Guiné-Bissau em 1974, além de aspectos econômicos, como os principais produtos de exportação e a fragilidade da democracia guineense.

Essas trocas com Charles são extremamente valiosas e constituem uma parte viva da minha formação acadêmica e pessoal. O aprendizado com ele é constante e, sem essa proximidade, o desenvolvimento deste trabalho certamente teria sido mais difícil. (*Figura 6*)

Fui ao evento acompanhado de Charles e de sua namorada, Camilla,<sup>4</sup> brasileira e estudante do curso de Jornalismo da UFJF. Saímos da república, localizada no bairro São Pedro, às 20h30, em direção à festa no bairro Aeroporto, realizada no salão da Associação Portuguesa de Juiz de Fora. Marcada para começar às 22h, a festa seguiu uma tradição comum em eventos africanos: iniciar mais tarde e se estender até o amanhecer. Particularmente, achei o horário um pouco tardio. Mais tarde, em conversa com Raul, ele me explicou que o início às 22h se deve à dificuldade de os organizadores prepararem os alimentos e, ao mesmo tempo,

---

<sup>3</sup> Charles: Nome fictício

<sup>4</sup> Camilla: Nome fictício

participarem da celebração.

Figura 5 - Presente recebido por Augusto



Camisa tradicional africana. Fonte: Acervo pessoal

Figura 6 - Parceria lusófona



Festa africana, edição 2025. Fonte: Acervo pessoal

## 6. Vestes, cores e fotos

Chegamos cedo à festa, o que nos deu a oportunidade de escolher a mesa onde nos sentaríamos. Enquanto aguardávamos a chegada dos demais convidados, conversamos com Sérgio Aseko Edú Medji, estudante guinéu-equatoriano do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF. Ele elogiou a camisa que eu usava, dizendo que era muito bonita. Agradei o elogio e retribuí, comentando que ele estava muito “estiloso”.

Sérgio vestia uma camisa de manga curta no estilo dashiki — vestimenta tradicional da África Ocidental — ajustada ao corpo e estampada com padrões geométricos multicoloridos vibrantes (amarelo, verde, azul, vermelho e roxo), característicos de tecidos africanos do tipo kintenge. Combinava a camisa com um chapéu do tipo kufi, confeccionado com o mesmo tecido estampado, além de calça marrom e botas de camurça também marrons. A fusão entre peças tradicionais africanas e elementos do vestuário ocidental resultava em um visual afro-diaspórico contemporâneo, que unia identidade cultural e estilo urbano. Ele realmente chamava a atenção na festa.

Eu, por minha vez, usava uma camisa social de manga longa, emprestada por Augusto, predominantemente verde-escura, com detalhes em amarelo-mostarda e branco, formando padrões em ziguezague e triângulos, confeccionada em tecido kente, tradicional da África Ocidental. Combinei-a com uma calça social em tom azul-marinho, compondo um visual que mesclava elementos da indumentária africana tradicional com peças formais, em sintonia com o caráter da celebração.

Conversei também com *Delmar*,<sup>5</sup> estudante senegalês do curso de Letras da UFJF, que vestia um dashiki estilizado, com estampas simétricas em blocos, predominando tons de verde-esmeralda, amarelo-canário, roxo e marrom, sobre um fundo laranja vibrante. Completava o visual com calça e sapatos pretos, o que ressaltava ainda mais a camisa tradicional. (*Figura 7*)

Já Charles, também africano, optou por um visual mais sóbrio: camisa branca de manga curta e calça branca combinando, criando um look monocromático. Sua namorada, Camila, usava um vestido longo, estampado com flores e passarinhos coloridos em tons de azul, verde, rosa e amarelo. Nos pés, sandália branca de salto médio.

Após conversarmos e comentarmos sobre os trajes, convidei todos para tirarmos algumas fotos no mural da festa. O mural (*Figura 8*) daquele ano estava especialmente bonito: confeccionado em bambu e tecidos africanos, trazia, ao centro, o mapa do continente africano feito com retalhos em tons terrosos e alaranjados, e no topo, a frase “Festa Africana é para todos nós”. Cestos e esferas de palha trançada pendiam do teto, simbolizando o trabalho manual no continente, e samambaias naturais completavam a composição. Fizemos vários registros com nossos smartphones e também aproveitamos a presença do fotógrafo oficial do evento para

<sup>5</sup> Delmar: Nome fictício

solicitar algumas fotos. Foi nesse momento que encontrei minha amiga Michele,<sup>6</sup> estudante de História, que estava fazendo registros fotográficos para o Centro de Conservação da Memória (CECOM).

Figura 7 - Estampas das camisas tradicionais africanas

Figura 8 - Mural da festa africana



Festa Africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF



Festa africana, edição 2025 Fonte: Aafros-JF

## 7. Desfile de moda e manifestações culturais

Após a abertura oficial, com falas das autoridades públicas presentes — a vereadora Laiz Perrut (PT) e a secretária de Igualdade Racial, Giane Sales —, para as quais farei destaques adiante neste trabalho, foi prestada uma homenagem ao legado de Jailson Mendes (Jajá), cabo-verdiano falecido no início de 2025. Jajá foi membro da comissão da Aafros-JF e ex-aluno do curso de Ciências Econômicas da UFJF. Chegou a Juiz de Fora em 2009 para cursar a graduação e possuía um bar de temática africana na cidade, que servia como ponto de encontro e local de reuniões da associação. Sua perda foi profundamente sentida pela comunidade africana, e a festa deste ano foi dedicada à sua memória.

O evento teve início com um desfile de moda que apresentou vestimentas tradicionais africanas, (Figura 9) valorizando trajes coloridos, estampados e vibrantes. Durante o desfile, foram exibidas bandeiras de diversos países representados por estudantes africanos, como Angola (Figura 10), Guiné-Bissau, República Democrática do Congo, África do Sul, Benin, Gana, Guiné Equatorial, Nigéria, Senegal e Namíbia. Também foram apresentados objetos do cotidiano, como cestos, tigelas, leques e artefatos utilizados em caça e guerra. (Figura 11) O desfile, com duração aproximada de 60 minutos, contou com a participação de estudantes africanos e brasileiros, promovendo um encontro entre culturas por meio da estética e do simbolismo das roupas. (Figura 12)

Além disso, houve uma apresentação de Kizomba, realizada por um casal de estudantes angolanos. A Kizomba é uma dança romântica, de batidas suaves e letras sentimentais, originária de Angola, mas também presente em outros países de língua portuguesa, como Cabo Verde e Moçambique. É praticada em par, com o homem conduzindo e a mulher acompanhando os movimentos. O estilo guarda semelhanças com a dança de salão no Brasil, especialmente pela proximidade dos corpos e pela sensualidade que marca sua execução. A performance do casal angolano encantou o público, que respondeu com aplausos e demonstrações de entusiasmo.

<sup>6</sup> Michele: Nome fictício

Figura 9 - Desfile de vestimentas tradicionais



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 10 - Desfile bandeira de Angola



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 11 -Desfile de instrumentos de guerra



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 12 - Desfile de moda africana



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

## 8. Experiência gastronômica e intercâmbio culinário

Depois dos desfiles de moda e apresentações artísticas, os pratos tradicionais do continente africano (Figura 13) foram postos à mesa e uma grande fila se formou para poder conhecer dos sabores africanos. A festa é uma verdadeira viagem cultural e gastronômica. Diversos pratos típicos de mais de dez países africanos foram servidos, permitindo aos convidados experimentar sabores variados. A culinária africana tem muitas semelhanças com a brasileira, principalmente pelo uso comum de ingredientes como arroz, feijão, frango, peixe e legumes — a maioria dos pratos é cozida. Alguns dos pratos servidos de que me recorde e que tive a ajuda do Raul para lembrar foram: *Frango à Cafriela*, de Guiné-Bissau; *Thieboudienne* — arroz com peixe, prato do Senegal; *Cachupa* — guisado feito com carnes e legumes, tradicional em Cabo Verde; e *Funge* — preparado com farinha de mandioca ou milho cozida em água fervente, tradicional em Angola. (Figura 14)

Dias antes da Festa Africana, mandei mensagem para Hamilton comentando sobre as comidas do evento e ele me disse que eu precisava experimentar o funge, prato tradicional do país dele. Provei e achei algo completamente diferente de tudo o que já havia degustado: é uma pasta de consistência pegajosa, semelhante

ao angu brasileiro feito de milho, porém com uma textura ainda mais densa. O funge é servido como acompanhamento para outros alimentos, como feijão e carne. Confesso que estranhei a textura e criei uma expectativa muito grande, imaginando que fosse um prato recheado de carnes e temperos. Para minha frustração, descobri no dia que se tratava de uma pasta neutra, sem temperos, cujo sabor é bastante discreto.

Mas o prato que mais me chamou atenção foi o *Caldo de Mancarra*, (Figura 15) da Guiné-Bissau, feito com carne de boi e amendoim. Foi surpreendente: acostumado a associar amendoim a doces como pé-de-moleque e rapadura, experimentar um prato salgado com esse ingrediente foi uma verdadeira epifania gastronômica — o que gerou uma grande fila de pessoas (Figura 16) interessadas em explorar essa diversidade culinária. Fiquei curioso e perguntei à Isa<sup>7</sup> — estudante da UFJF, do curso de Pedagogia, também estrangeira da Guiné-Bissau e uma das organizadoras do evento que ajudou no preparo deste prato — sobre a receita. Ela me explicou que os ingredientes incluem pasta de amendoim, carne de boi, cebola, alho, tomate, repolho, cenoura, mandioca, pimentão, extrato de tomate, limão pepper, sal e caldo Knorr. Embora todos os ingredientes sejam familiares a nós, brasileiros, a combinação e o modo de preparo dão ao prato um sabor único e autêntico.

## **Caldo de Mancarra (Guiné-Bissau)**

### **Ingredientes:**

- 3 colheres (sopa) de pasta de amendoim
- 800 g de carne de boi (de preferência músculo ou peito, cortado em cubos)
- 1 cebola grande picada
- 3 dentes de alho amassados
- 2 tomates maduros picados
- 1 pedaço pequeno de repolho (cortado em tiras grossas)
- 2 cenouras em rodela
- 500 g de mandioca descascada e cortada
- 1 pimenta verde (inteira ou picada, a gosto)
- 2 colheres (sopa) de extrato de tomate
- Suco de 1 limão
- 1 pitada de pimenta- do- reino (limão pepper)
- Sal a gosto
- 1 tablete de caldo Knorr (carne ou legumes)
- Água o suficiente para cobrir

### **Modo de preparo:**

#### **Temperar a carne:**

Tempere os cubos de carne com sal, limão pepper e o suco de limão. Reserve por alguns minutos.

#### **2-Refogar a base:**

Em uma panela grande, aqueça um fio de óleo. Refogue a cebola e o alho até ficarem dourados. Adicione o tomate picado e o extrato de tomate, mexendo bem até formar um refogado espesso.

#### **3-Selar a carne:**

Junte a carne temperada ao refogado e deixe dourar de todos os lados. Acrescente o tablete de caldo Knorr esfarelado e misture.

#### **4-Adicionar a água:**

Coloque água suficiente para cobrir a carne. Tampe e cozinhe em fogo médio por cerca de 30 minutos ou até a carne começar a ficar macia.

#### **5-Incorporar os vegetais:**

Acrescente a mandioca, a cenoura e o repolho. Deixe cozinhar mais alguns minutos até os legumes começarem a amolecer.

#### **6-Adicionar a pasta de amendoim:**

Dilua a pasta de amendoim em um pouco do caldo quente (retire umas conchas do caldo, misture com a pasta até formar um creme liso) e devolva à panela. Isso evita grumos.

#### **7-Finalizar:**

Coloque a pimenta verde e ajuste o sal se necessário. Deixe cozinhar em fogo baixo até o caldo engrossar e os sabores se

---

<sup>7</sup> Isa: Nome fictício

integrarem (cerca de 15 a 20 minutos).

#### **8-Servir:**

O Caldo de Mancarra fica encorpado, com um sabor intenso e cremoso do amendoim. Sirva quente, acompanhado de arroz branco.

Observação: O Prato podem ser servidos com frango, carne de boi ou peixe e vai variar conforme preferências. (Receita disponibilizada por Isa membro da organização do evento através de conversas no instagram)

A festa foi organizada no formato *open bar* e *open food*, permitindo que os convidados repetissem e experimentassem livremente os pratos disponíveis. Além das iguarias africanas, foram servidos petiscos tradicionais de Minas Gerais, como mandioca frita, torresmo e linguiça, oferecidos como alternativa para aqueles que não estão habituados à culinária africana, bem como para proporcionar opções mais próximas ao paladar local.

Cabe destacar que havia poucas opções para pessoas vegetarianas ou veganas, uma vez que a maioria das receitas africanas apresentadas continha peixe, frango ou carne bovina em sua composição.

Figura 13 - Pratos típicos africanos



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 14- Hora da merenda com Isa e Sérgio



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafro -JF

Figura 15 - Caldo de Mancarra



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 16 Fila da refeição



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

## **9. Encontros e diálogos com a comunidade africana**

Depois de enfrentar a fila para experimentar os pratos africanos, voltei à mesa e comecei a conversar com Delmar durante a refeição. Ele me contou sobre a teoria de Abubakari II, do Império do Mali, que relata a possível chegada de povos africanos às Américas no início do século XIV. Segundo essa narrativa, em 1311, Abubakari II teria partido com uma frota de cerca de 2.000 embarcações para explorar o Oceano Atlântico — quase 200 anos antes da expedição de Colombo, em 1492.

Delmar também falou sobre o Egito Antigo, antes da conquista árabe no século VII d.C., explicando que muitas esculturas e obras de arte foram vandalizadas e tiveram seus narizes quebrados como forma de apagar a história dos povos negros que ergueram aquele império. Esse ato, segundo ele, representa um epistemicídio — o apagamento histórico das culturas africanas pelos discursos e práticas do colonizador. Seus relatos carregavam um profundo sentimento de revolta diante das marcas que a colonização deixou no continente africano.

## 10. Música, dança e integração cultural

Durante todo o evento, tocaram músicas brasileiras e africanas, criando um ambiente de integração cultural. Após os desfiles, exposições e a refeição, a pista de dança foi aberta. No encerramento, uma roda foi formada e os estudantes africanos convidaram o público a dançar. (Figura 17) A roda era inclusiva e espontânea: crianças, jovens e idosos dançavam juntos, cada um ao seu ritmo. Era uma verdadeira celebração do corpo e da alegria coletiva. Eu e Charles nos divertimos e dançamos ao som de diversos ritmos africanos; ele, um pouco tímido, não quis ir até o meio da roda, e eu, por não possuir muitas habilidades para a dança, permaneci mais contido, observando a empolgação e a harmonia que tomavam conta de todos. (Figura 18) (Figura 19) (Figura 20)

Foram tocadas músicas de vários estilos e de diferentes países africanos. Entre elas, o Afrobeat (Nigéria e Gana), talvez o estilo mais conhecido e popular atualmente entre os jovens, em parte por ser cantado em inglês.

Embora tenha surgido na década de 1960, o Afrobeat ganhou muitos ouvintes no mundo graças ao compartilhamento de músicas nas redes sociais e às parcerias internacionais de artistas do gênero com cantores de projeção global. Um dos principais nomes é o nigeriano Rema, que acumula mais de 1 bilhão de reproduções no YouTube com a faixa *Calm Down*, em parceria com a cantora americana Selena Gomez. Para mim, esse foi o estilo mais cativante do evento: a combinação entre o vocal melódico e a percussão tradicional africana cria uma leveza que convida a soltar os ombros e se deixar levar pelo ritmo.

O evento também apresentou outros estilos musicais, como o Kuduro e a Kizomba (Angola), o Soukous e seu subgênero Ndombolo (República Democrática do Congo), o Makossa e o Bikutsi (Camarões), além do Afro House (África do Sul) e outros ritmos que variavam entre músicas mais agitadas e mais lentas. As mais animadas eram ideais para reunir todos na roda de dança; era visível a felicidade estampada nos rostos, como se estivessem em casa, em seus países, cercados pelos seus. A festa proporcionava aos estudantes africanos momentos de descontração e alegria, celebrando sua cultura e suas origens. Eu, mesmo sem dançar muito, ficava maravilhado em contemplar aquela cena.

Durante a elaboração deste trabalho, enviei uma mensagem para Sergio Aseko Edú Medji perguntando sobre os estilos musicais que tocaram na festa. Ele me ajudou na pesquisa, indicando os ritmos e gêneros do continente africano que o DJ havia selecionado.

Além do Afrobeat, que eu já conhecia, um dos estilos que mais me chamou a atenção foi o Afro House, um ritmo originado na África Austral e derivado da House Music. O que mais me impactou foi a combinação entre batidas eletrônicas e elementos percussivos africanos tradicionais, como as congas — instrumento semelhante ao atabaque brasileiro. Suas faixas, geralmente longas, apresentam repetições rítmicas que criam um groove hipnótico, conectando ancestralidade e contemporaneidade. Percebi também sua proximidade com o Kuduro, outro estilo muito presente na cena musical africana, que mescla batidas eletrônicas com percussões e possui uma dança marcada pela energia e pela presença corporal. Enquanto o Kuduro tende a ser mais acelerado e intenso, o Afro House apresenta uma estética mais atmosférica e cadenciada, construindo camadas sonoras que se desenvolvem de forma quase meditativa. Muitas vezes, o Afro House também carrega mensagens de resistência, crítica social e valorização cultural, funcionando como um elo entre música, corpo e identidade coletiva.

Já as músicas mais lentas e sensuais criavam momentos perfeitos para dançar a dois e paquerar. Aproveitando o clima, convidei Michele e outras garotas para dançarmos algumas faixas. Foi interessante experimentar a dança lenta, especialmente ao som de estilos como a Kizomba.

A festa seguiu nesse ritmo pela noite toda, com open bar e o DJ mantendo a pista animada até o amanhecer. Alternando entre dançar e descansar, percebi que o evento parecia não ter hora para acabar — um verdadeiro teste de resistência. Por volta das 3h30 da manhã, exaustos, eu, Charles e Camila decidimos chamar um carro por aplicativo. No entanto, naquele mesmo dia acontecia a *Festa Country* no Estádio Municipal de Juiz de Fora, próximo à Associação Portuguesa, onde era realizada a Festa Africana. A coincidência fez com que a demanda por transporte aumentasse muito, elevando o preço das corridas. Tivemos que esperar cerca de 40

minutos até que o valor baixasse e algum motorista aceitasse a viagem. Finalmente, conseguimos voltar para casa. Mesmo cansado, saí de lá com a sensação de ter participado de algo muito maior que uma simples festa: foi uma verdadeira celebração da cultura, da diversidade e da conexão entre povos.

Figura 17- Convocados para a dança



Sergio Aseko, Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 18 - Celebração da cultura através da música



Festa africana edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 19 - Roda Afro



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

Figura 20 - Encontro de gerações



Festa africana, edição 2025. Fonte: Aafros-JF

## 11. Conexão internacional

Para compreender as diferenças entre o Afro House e o Kuduro, enviei uma mensagem ao meu amigo angolano Hamilton Machel, que gentilmente me explicou as particularidades de cada ritmo. Segundo ele, o Kuduro apresenta um compasso mais acelerado e uma dança mais “*mexida*”. No entanto, em Angola também há certa confusão entre os dois estilos, pois muitos *kuduristas* atualmente produzem Afro House e, dentro do beat característico desse gênero, cantam Kuduro — lançando “*barras*” e fazendo críticas sociais.

Esse intercâmbio revela como há uma intensa comunhão cultural entre os países do continente africano. Embora o Afro House e o Kuduro sejam ritmos distintos, com origens históricas em nações diferentes, a integração cultural permite que artistas e públicos conheçam e se apropriem de músicas, danças e expressões de outros países africanos. Assim, esses gêneros se mesclam, transformam-se e compartilham características, promovendo trocas artísticas e culturais ricas e contínuas.

## 12. Reconhecimento na cidade

Em entrevista concedida em 30/07/2025, Giane Sales, diretora da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (FUNALFA) e secretária da Igualdade Racial de Juiz de Fora, compartilhou um relato especialmente

potente, marcado por sua trajetória como ativista dos direitos da população negra e por sua reconhecida atuação no cenário estadual na luta antirracista.

Ao longo da conversa, Sales ressaltou a urgência de o município implementar políticas públicas voltadas à população negra, chamando atenção para o passado histórico de Juiz de Fora, atravessado por práticas de racismo estrutural e segregação racial.

“Então é muito importante para o calendário cultural de Juiz de Fora que a Festa Africana traga esse sentido de diversidade, de ampliação de olhares e de situar o continente africano como parte da história da cidade”, afirma Giane.

Nesse contexto, a realização da Semana Africana ganha relevância não apenas como celebração cultural, mas como instrumento de preservação da memória negra e de fortalecimento das lutas antirracistas no município. Sales enfatiza que a Festa Africana, inserida no calendário cultural de Juiz de Fora, amplia o repertório de manifestações culturais da cidade e contribui para a valorização do continente africano — não apenas como herança ancestral, mas como presença viva e constitutiva da identidade brasileira e juizforana.

O reconhecimento da importância desse evento, defendido por lideranças como Giane, também se reflete no âmbito legislativo. Após a edição de 2025, a vereadora Laís Perrut (PT), conhecida por seu comprometimento com a valorização da cultura africana e a luta antirracista, publicou em seu Instagram um registro da festa e relembrou o Projeto de Lei nº 100/2024, de sua autoria — a norma que instituiu oficialmente, no Calendário Oficial do Município, o 25 de maio como Dia Municipal da África.

Na postagem, Perrut destacou que a proposta nasceu de um esforço coletivo, construído a partir de diálogos com lideranças africanas da cidade. Ela também agradeceu o convite para prestigiar mais uma edição da Festa Africana e aproveitou para homenagear Jailson Mendes (Jajá), ex-aluno cabo-verdiano e figura importante para a comunidade africana local, falecido em 2025.  
(PERRUT, Laís. Dia 25 de maio. Instagram. 25/05/2025)

### **13. Considerações finais**

A participação na Festa Africana em Juiz de Fora revelou-se muito mais do que a vivência de um evento cultural: foi uma imersão no significado profundo que essa celebração possui para a comunidade africana residente no município e para todos aqueles que, de alguma forma, se aproximam de suas tradições. Por meio de observações, diálogos e entrevistas — especialmente com Raul, presidente da Associação de Africanos em Juiz de Fora, e com Giane Sales — tornou-se evidente que a festa transcende o caráter festivo, configurando-se como espaço de resistência, preservação da memória e afirmação identitária.

Os relatos e registros demonstram que a Festa Africana é fruto de um esforço coletivo marcado por desafios estruturais e logísticos, mas também por uma notável capacidade de articulação entre estudantes, associação, universidade e poder público. Nesse sentido, a celebração do Dia da África não apenas fortalece vínculos dentro da própria comunidade africana, como também convida a população brasileira a reconhecer a importância histórica, cultural e social dos povos africanos na construção do Brasil.

A experiência pessoal de integração — desde o gesto de amizade ao receber um traje tradicional, até as conversas com colegas como Augusto, Charles, Sérgio, Isa, Delmar e, mesmo à distância, Hamilton — ilustra como a troca cultural se manifesta no cotidiano, nos diálogos e nas pequenas ações. A inclusão da receita de Caldo de Mancarra neste trabalho simboliza esse encontro de culturas: ingredientes familiares ao paladar brasileiro transformados pela tradição africana, revelando como a culinária se torna veículo de memória, afetividade e identidade.

Conclui-se, portanto, que a Festa Africana em Juiz de Fora vai muito além do entretenimento. Trata-se de um espaço de celebração da diversidade, de valorização de saberes e práticas africanas e de construção de pontes entre diferentes povos. Essa experiência contribuiu não apenas para o desenvolvimento deste trabalho, mas também para um aprendizado contínuo e sensível diante das diferenças, promovendo um diálogo intercultural capaz de transformar percepções e ampliar a compreensão sobre o mundo e sobre nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

ABUBAKARI II do Império do Mali. **BBC News**, 2000. Disponível em: [https://news-bbc-co-uk.translate.goog/2/hi/africa/1068950.stm?\\_x\\_tr\\_sch=http&\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=tc](https://news-bbc-co-uk.translate.goog/2/hi/africa/1068950.stm?_x_tr_sch=http&_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc). Acesso em: 8 ago. 2025.

AFROBEAT: a herança de Fela Kuti na música brasileira. **União Brasileira de Compositores**. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/18785/afrobeat-a-heranca-de-fela-kuti-na-musica-brasileira>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica**. África, [S. l.], n. 31-32, p. 135–155, 2012. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i31-32p135-155. Disponível em: <https://revistas.usp.br/africa/article/view/115352>. Acesso em: 03 ago. 2025.

Biografia W.E.B. Du Bois. Intelectuais Negros, **UFF**. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/intelectuaisnegros/node/30>. Acesso em: 03 ago. 2025.

CACHUPA tradicional de Cabo Verde. **Tudo Gostoso**. Disponível em: <https://www.tudogostoso.com.br/receita/36304-cachupa-tradicional-de-cabo-verde.html>. Acesso em: 10 ago. 2025.

CAFRELA de frango. **Receitas Globo**. Disponível em: <https://receitas.globo.com/receitas-da-tv/mais-voce/cafriela-de-frango.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2025.

Criação da OUA. **Biblioteca Nacional**. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/dia-libertacao-africa>. Acesso em: 26 jul. 2025.

Dia da África. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/54941-dia-da-afrika-%E2%80%93-25-de-maio-de-2009>. Acesso em: 26 jul. 2025.

Documento final do Encontro de África e a Diáspora. **Câmara dos Deputados**, 2013. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/noticias/documento-final-do-encontro-de-africa-e-a-diaspora>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Feriado dia da África. **Calendarr**. Disponível em: <https://www.calendarr.com/portugal/dia-da-africa/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

Festa Africana JF: o legado cultural africano. **Sympla**. Disponível em: <https://www.sympla.com.br/evento/festa-africana-jf-o-legado-cultural-africano/2408289?refe>. Acesso em: 15 ago. 2025.

FUNGE de bombo. **África Pelo Mundo**. Disponível em: <https://africapelomundo.com.br/funge-de-bombo>. Acesso em: 10 ago. 2025.

INDEPENDÊNCIA de Guiné-Bissau. **Unilab**, [202-?]. Disponível em: <https://unilab.edu.br/guine-bissau-2>. Acesso em: 8 ago. 2025.

JUIZ DE FORA (MG). **Prefeitura Municipal**. Lei nº 15.XXX, de 2024 – Institui o Dia Municipal da África. Disponível em: [https://www.pjf.mg.gov.br/e\\_atos/e\\_atos\\_vis.php?id=120811](https://www.pjf.mg.gov.br/e_atos/e_atos_vis.php?id=120811). Acesso em: 8 ago. 2025.

KIZOMBA: dança de Angola. **Superprof**. Disponível em: <https://www.superprof.com.br/blog/kizomba-danca-angola>. Acesso em: 10 ago. 2025.

LAIER, Aline Cristina. **Ensino “Além Mar”: trajetórias e travessias de estudantes africanos no ensino superior em Juiz de Fora - MG**. 2014. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uff.br/jspui/handle/uff/6872>. Acesso em: 29 jul. 2025.

Lembra-te de Kwame Nkrumah. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2023. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/lembra-te-de-kwame-nkrumah>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MAESTRI, Mário. **Marcus Garvey: êxtase e agonia do Moisés Negro estadunidense**. CONTRAPODER, 2024.

Marcus Garvey. **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/o-legado-do-grande-ativista-marcus-mosiah-garvey>. Acesso em: 03 ago. 2025.

NDOMBOLO. **African Music Library**. Disponível em: <https://www.africanmusiclibrary.org/genre/Ndombol>. Acesso em: 10 ago. 2025.

Panafricanismo. **Encyclopaedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Pan-Africanism>. Acesso em: 03 ago. 2025.

PERRUT, Laís. Festa Africana – registro em vídeo. **Instagram**, 25 maio 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DKFQ-EaxNSk/?hl=pt>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Programação da Semana Acadêmica Africana na UFJF. **Universidade Federal de Juiz de Fora**. Disponível em: <https://www2.uff.br/noticias/2025/05/16/dia-da-africa-e-celebrado-na-uff-com-atividades-entre-os-dias-19-e-22-de-maio/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

REMA; GOMES, Selena. Calm down. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WclcVapfqXw>. Acesso em: 10 ago. 2025.

Semana Africana 2024. **Prefeitura de Juiz de Fora**, 27 maio 2024. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia=83697>. Acesso em: 15 ago. 2025.

Sociologia e a trajetória de W. E. B. Du Bois. **Nexo Jornal**. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/bibliografia-basica/2023/05/05/sociologia-e-a-trajetoria-de-w-e-b-du-bois>. Acesso em: 03 ago. 2025.

UFJF comemora Dia da África. **Universidade Federal de Juiz de Fora**, 22 maio 2023. Disponível em: <https://www2.uff.br/noticias/2023/05/22/uff-comemora-dia-da-africa>. Acesso em: 15 ago. 2025.

União Africana. **Encyclopaedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/African-Union>. Acesso em: 03 ago. 2025.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**. Dia da África é celebrado na UFJF com atividades entre os dias 19 e 22 de maio. Portal UFJF, Juiz de Fora, 16 maio 2025. Disponível em: <https://www2.uff.br/noticias/2025/05/16/dia-da-africa-e-celebrado-na-uff-com-atividades-entre-os-dias-19-e-22-de-maio/>. Acesso em: 28 jul. 2025.<sup>1</sup>

---

Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: [Odivan.Oliveira@estudante.uff.br](mailto:Odivan.Oliveira@estudante.uff.br) Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Elizabeth Pissolato.